

# SAFIA

EXPOSIÇÕES



**Nando Cosac (Luiz Fernando Cosac) à direita, arquiteto, curador e montador de muitas mostras de artes visuais, realizou uma excelente montagem na exposição da Safia, ocupando todo o espaço da Galeria Athos Bulcão.**





SAFIA DE PIRENÓPOLIS

Ninguém saberá por que motivo um jarro do rio Sepik, na Nova Guiné, se aproxima tanto de uma peça de Tota, o artista nascido em Tracunhaém. Ninguém explicará a afinidade do vaso canópico etrusco com a moringa antropomórfica do Vale do Jequitinhonha. Quem esclarecerá o parentesco entre os bonecos ali moldados e as figuras Palaikastro, feitas entre 1.400 e 1.100 anos antes de Cristo? Ou as analogias entre figurinhas do Nordeste e as de Tarascan, o sítio arqueológico pré-colombiano? Ninguém nos dirá, enfim, por que motivo um grupo de "têtes coupées", feito por um escultor celta há 2.600 anos, vem encontrar sua ré-

plica nas cabeças agrupadas pelo escultor baiano de Cachoeira, o Louco. Por isso, se alguém se espantar ao reconhecer, nas figuras da ceramista Safia, ecos das terracotas de Tanagra, ou da porcelana de Meissen, Chelsea, de Nymphenburg e, sobretudo, de Vincennes, deve seguir adiante sem arguir mais razões, pelo menos por enquanto. Como diz o conselho popular, relaxe e frua, e nem pergunte, também, por que é que só no caso da arte genuinamente popular essas aproximações são idôneas.

Para quem não sabe, Safia é uma senhora de 56 anos, que mora num casebre muito pobre na subida de um morro na cidade de Pirenópolis. Apesar de estar ligado há vinte e três anos a essa cidade, foi só na semana passada

**Texto de João Evangelista de Andrade sobre Safia constante do catálogo da Exposição "A Visão Popular da Realidade", realizada no Museu de Arte de Brasília.**

### SAFIA DE PIRENÓPOLIS

Ninguém saberá por que motivo um jarro do rio Sapik, na Nova Guiné, se aproximaria tanto de uma peça de Tota, o artista nascido em Tracunhaém. Ninguém explicará a afinidade do vaso canópico etrusco com a moringa antropomórfica do Vale do Jequitinhonha. Quem esclarecerá o parentesco entre os bonecos ali moldados e as figuras Palaikastro, feitas entre 1.400 e 1.100 anos antes de Cristo? Ou as analogias entre figurinhas do Nordeste e as Tarascan, os sítios arqueológicos pré-colombiano? Ninguém nos dirá, enfim, por que motivo um grupo de "têtes coupées", feito pra um escultor celta há 2.600 anos, vem encontrar sua réplica nas cabeças agrupadas pelo escultor baiano de Cachoeira, o Louco. Por isso, se alguém se espantar ao reconhecer, nas figuras da ceramista Safia, ecos das terracotas de Tanagra, ou da porcelana de Meissen, Chelsea, de Nymphenburg e, sobretudo, de Vincennes, deve seguir adiante sem arguir mais razões, pelo menos por enquanto. Como diz o conselho

popular, relaxe e frua, e nem pergunte, também, por que é que só no caso da arte genuinamente popular essas aproximações são idôneas.

Para quem não sabe, Safia é uma senhora de 56 anos, que mora num casebre muito pobre na subida de um morro na cidade de Pirenópolis. Apesar de estar ligado há vinte e três anos a essa cidade, foi só na semana passada que, por indicação de Elisa e Vicente Martinez, fui conhecer Safia. Merecendo figurar como irmã menor de Cora Coralina, Safia é hoje pouco mais que uma desconhecida. Temos de coloca-la ao lado de Antônio Poteiro, como outro extraordinário (ainda que diverso) de arte ínsita do Estado de Goiás.

Um historiador de arte, desses que vem a história como um mar de dados a classificar, colocaria a obra de Safia no capítulo intitulado classicismo. Mas teria uma certa dificuldade nisso, porquanto a obra de Safia é complexa e, se não fosse feita por quem foi (uma personalidade quinta essencial da alma popular goiana), poderia passar por obra de gosto duvidoso. Pelo menos para o apressado olhar do crítico burguês. Precisamos nos lembrar, porém, que as coisas que beiram o kitsch, tangenciam o kitsch, mas escapam do kitsch, são extraordinárias e valeu como tal. É aquela história: põe-se, no meio da interpretação, o imponderável que dilui as fáceis rotulações, e assim as distâncias e proximidades se medem na ordem geométrica, não na artística. Nesta, abismos podem ser poetas e pontos abismos. Então, as cerâmicas de Safia são um manancial de resvaladiços momentos de formosura, difíceis de enquadrar-se em grupos temáticos, pois tudo a interessa e a chama, desde o cavalo e o trem de ferro (um de seus mitos) até os casais que trocam galantezas: lordes de folhetim e heroínas suspirosas nos garbos e posturas, demais saídas de alguns rotulo de perfume antigo. Quanto à forma, contudo, não lhe assenta mal o classicismo. Um classicismo que alcança Falconet, mas vias Goiás, via velhos figurinos nunca folheados, via estandes de bibelôs cujo donaire sua vida calosa, tosca, nua, rude e até brutal nunca deixou contemplar. E surgem os putti do Quatrocento, Venus deitadas com seu filho Cupido subindo-lhe pelas costas, certinho como no quadro de Palma Vecchio, que ela nunca viu; surgem os moleques, ambíguos porque tanto podiam ser encontrados numa escavação de Herculano, em forma de pequeno bronze, quanto simplesmente ser inspirados pela menina do lugar, soberana nos naturais gracejos e safadezas. Alheia, forasteira, extrínseca, longuíqua, rara w fora de lugar ou de tempo ou, pelo contrário, tradutora fiel das envolturas locais? Para que definir ao certo? O encanto de Safia reside nisso, nessa fluidez que não se deixa apanhar, na passagem do cotidiano às galas do novelesco. Filigranas e sutis vernizes; lindezas anatômicas com jugos e alianças perfeitas, inacreditáveis proporções que jamais se desajustam; peles e camisas, flutuações epidérmicas valendo-desvalendo o erotismo. Églogas de banhistas do rio da cidade, com seus biquínis e calções; os bigodes bonitos de cobrador de ônibus que também fugiu de um certo cartão postal; graças elipsóides de Ganimedes em pêlo; tropas, bailes, cavalhadas, a folia dos animais. E personagens cúmplices de veladas memórias, sócias de recordações inrecordadas. O cavalo não é cavalo, mas corcel; a velha caipira acionando o seu moinho de café, essa já não é mulher, é senhora, dama. A comunicabilidade de Safia não conhece limites. Do erótico-escatológico à jovialidades e cortesias, dos atavios e etiquetas, nem sempre pintados no barro com o cuidado que mereciam; dos ademanos aos puros gestos, em tudo Safia coloca seu amável discurso, que não é discurso de palavras, é claro, mas plástica que subentende em cada objeto uma história. A rusticidade dessa mulher, isolada em seu casebre, seu senso natural que lhe faz compreender que é mais religioso ir buscar leite para os dois netinhos, que vivem com ela, do que ir à missa como todo mundo, sua vida simples e direta, escondem uma requintada sensibilidade. Safia é uma aristocrata de forma como um bom escultor erudito do século passado, e tem a vantagem de entender o seu lugar e seu momento num modo que só o povo pode fazer. Ninguém deve monopolizar sua obra ou paternizá-la. Isso seria grave numa cidade que já vai sendo "adotada" por hippies fora de época e turistas proprietários, que conservam a arquitetura colonial, mas talvez descaracterizem a vida do lugar. Eu disse talvez porque isso merece discussão à parte. De qualquer modo, o que temos que fazer com Safia é admirá-la, comprar suas obras por preço condigno. Ir vê-la em seu lugar, o lugar onde impera como a dama dos folhetins de barro.

**João Evangelista**



Diretoria da Casa Park acolheu exposição de Safia



O pintor Glênio Bianchetti e esposa com as filhas de Safia, na exposição Casa Park



Modelos presentes na Anatel posaram ao lado das peças de Safia

EXPOSIÇÃO FESTA DE ANIVERSÁRIO - SAFIA 80 ANOS



Safia e filhas; Valdivina, Valdecintia, Celestina (Safia), Celina (irmã), Valdenira, Valdemiusa, Valdeci.





**exposição**  
**"SAFIA, A POESIA DO BARRO E A SABEDORIA DO SER"**

**Coquetel de abertura será no dia 08/06, às 17h.**

**com a presença da artista, que comemora o seu aniversário de 90 anos.**

**Serão leiloadas três obras.**

**Local:**  
**Museu do Divino,**  
**Pirenópolis, GO**

**Visitação:**  
**09 a 16/06, das 10h às 20h.**



Safia, a poesia do barro e a sabedoria do ser



